Empresas, não empregos
Bob Wollheim

É preciso incentivar o brasileiro a empreender.

Outro dia concedi uma entrevista à allTV, pioneiro projeto de TV na internet, sobre empreendedorismo. Gosto doe tema, escrevi um livro a respeito e penso que talvez nuca tenha havido melhor momento na história recente de nosso país para se discutir o assunto do que hoje. Sou, eu mesmo, o que se costuma chamar de "empreendedor serial" e, se me concedem um minuto, falo por meia hora sem parar. O assunto é fascinante, me apaixonei pela causa e peço licença ao leitor para discutir o tema mais uma vez nesse fórum.

Estive recentemente nos EUA e aproveitei a ocasião para visitar uma ONG envolvida com empreendedorismo em comunidades carentes. A National Foundation for Teaching Entrepreneurship (NFTE) - eles a chamam carinhosamente de nifty - existe há 10 anos, tem um orçamento anual de mais de US$ 8 milhões e tem como proposta ensinar empreendedorismo (e todas as suas implicações) para jovens adolescentes de escolas de baixa renda naquele país. Conversando com um dos diretores da Nifty, ele me contava que tudo começou quando eles detectaram que havia muitos jovens agitados, ansiosos e frustrados nas escolas de baixa renda que acabavam se evadindo e caindo no mundo das drogas, do crime, etc. Será que, raciocinaram eles, se apresentarmos uma opção, uma alternativa tão "exciting" quanto a que o sub-mundo oferece para esses jovens, eles se interessariam? Teríamos a chance de mudar o destino de alguns deles?

Pois assim foi, e hoje, 10 anos depois, já ensinaram empreendedorismo a mais de 100 mil jovens de baixa renda nos EUA e as histórias de sucesso pipocam de todos os lados! Foi uma visita energizante.

Voltando ao bate-papo na allTV. Com a visita à Nifty ainda muito fresca em minha mente, ao ser perguntado sobre o novo governo, soltei de bate-pronto: temos que criar empresas, não empregos! A coisa repercutiu e um jornalista amigo disse por email: "Bob, eis o lema para inscrever em mármore: 'criar empresas, não empregos' abs, SK".

Penso que ele está certo. As estatísticas são impressionantes tanto de um lado quanto de outro. As megacorporações são, a cada ano que passa, menos geradoras de empregos (de fato, elas só têm diminuído o emprego na última década, no mundo) e as novas empresas (não gosto de taxá-las de pequenas e médias, pois o termo é cheio de preconceitos, vícios e é errado, a meu ver) são, cada vez mais, as grandes responsáveis pela criação de empregos e pela riqueza que é gerada no mundo.

Eu, um pouco preocupado, olho o Brasil e vejo que ainda teimamos em olhar para trás, em criar programas de cupons de comida (não sou contra acabar com a fome, mas tenho dúvidas do método e da forma), de se falar demais sobre a criação de milhões de empregos (não sou contra o emprego, mas não consigo enxergar como isso pode ser efetivo numa economia mundial globalizada e em acentuada crise endêmica) e de se discutir (quem dirá fazer) quase nada pelo empreendedorismo. QUASE NADA! Confesso, leitor, que às vezes desanima.

Penso, penso, mas não consigo ver como, - sem que adotemos uma nova atitude, onde se incentive o brasileiro a empreender, a criar novas empresas, a empregar (com uma CLT decente, pois hoje é absurdo empregar legalmente) e a gerar riquezas país afora, possamos sair do nosso estágio de terceiro mundo, de sub-economia, de criminalidade em alta e de falta de futuro.

Só vejo um caminho e, como disse meu amigo, temos mesmo que gravar em mármore para nos lembrarmos sempre: "criar empresas, não empregos".

Bob Wollheim é CEO do Ideia.com e autor de "Empreender não é brincadeira!"
E-mail: bob@ideia.com

Valor Econômico - 12/3/2003